

AQUISIÇÃO DO PB COMO L2: O SUJEITO NULO¹

Gildete Rocha XAVIER

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

RESUMO

Este estudo investiga a aquisição do sujeito nulo do Português Brasileiro como segunda língua por falantes nativos de Inglês e Italiano em situação de imersão. A pesquisa desenvolve-se no âmbito da gramática gerativa, (CHOMSKY, 1981, 1986, 1993, 1995, 2000). As questões da pesquisa estão relacionadas à questão do acesso à Gramática Universal.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate the acquisition of the null subject in Brazilian Portuguese as a second language by native speakers of English and Italian. The research was developed within the framework of Generative Grammar (CHOMSKY, 1981, 1986, 1993, 1995, 2000). This research attempted to investigate whether the L2 learners have access to the Universal Grammar.

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição de linguagem. Gramática gerativa. Princípios e parâmetros. Aquisição de segunda língua. Sujeito nulo.

KEY WORDS

Language acquisition. Generative grammar. Principles and parameters. Second language acquisition. Null subject.

Introdução

A questão do acesso/não-acesso à GU por aprendizes de L2 tem se constituído em um assunto de grande interesse para os estudos gerativistas (FLYNN, 1987; WHITE, 1989; EUBANK, 1991; EPSTEIN et al., 1996, entre outros).

A partir dos anos 80, o modelo conhecido como Teoria dos Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1982, 1986) passou a fornecer subsídios a muitos estudiosos interessados em pesquisas sobre primeira e segunda línguas. Vários pesquisadores assumem que a aquisição de L2 é semelhante à aquisição de L1, ou seja, que GU encontra-se disponível para o processo de aquisição de L2 (WHITE 1985a, 1985b; FLYNN, 1987; EPSTEIN et al., 1996).

Outros pesquisadores, no entanto, não aceitam essa possibilidade e argumentam que a aquisição de L1 e L2 são processos completamente diferentes, uma vez que GU não é acessível ao aprendiz de L2, mas apenas ao aprendiz de L1 (CLAHSEN & MUYSKEN, 1986, 1996; CLAHSEN, 1988; BLEY-VROMAN, 1989).

A partir de um estudo que realizamos em Xavier (1999)² sobre a aquisição do Português Brasileiro (PB) por um adulto estrangeiro (Johnny) que tinha como língua materna o chinês, mas que também era falante de Inglês, constatamos que, no estágio inicial da aquisição, o sujeito da nossa pesquisa não utilizou a sua experiência do Inglês pelo menos no que diz respeito aos dois parâmetros analisados: o parâmetro do sujeito nulo e o do movimento do verbo. Quanto ao papel da GU, no processo de aquisição do PB como segunda língua, não foi possível determinar na pesquisa, mencionada acima, com certeza, se Johnny utilizou a GU, através da hipótese do sujeito nulo como valor *default*³, ou a sua L1, que permite sujeito pronominal nulo, já que assumimos, seguindo Kato (1999), a hipótese de que o *pro-drop* chinês⁴, L1 de Johnny, é o próprio *default* e, no caso dele, portanto, GU e L1 se confundem.

O presente estudo, portanto, justifica-se pela necessidade de dar continuidade à pesquisa desenvolvida em Xavier (1999), e se propõe a analisar o desenvolvimento lingüístico de aprendizes de L2 com relação ao parâmetro *pro-drop*. Nosso objetivo será responder à pergunta deixada em aberto em Xavier (1999): aprendizes de L2 têm acesso direto à GU ou o acesso à GU se dá via L1? Para tanto, mobilizamos pressupostos teóricos da Gramática Gerativa, dentro do quadro da Teoria de Princípios

e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1982, 1986) e do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995, 2000); e, como objeto de estudo, elegemos o Parâmetro do Sujeito Nulo.

Considerando que: (a) o Inglês é uma língua não-*pro-drop*; (b) entre os falantes de Inglês pesquisados, dois têm o Espanhol como segunda língua; (c) Italiano e Espanhol são línguas *pro-drop*; (d) existem línguas *pro-drop* de vários tipos, entre as quais encontra-se o PB; (e) Italiano e Espanhol são línguas de sujeito nulo prototípicas e constituem um tipo de língua *pro-drop* diferente do PB, já que possuem morfologia rica de concordância e o PB não, as questões empíricas e teóricas que procuramos responder são as seguintes: nas fases iniciais da aquisição do PB como L2, (a) o desenvolvimento dos sujeitos pode ser comparado ao de crianças quando da aquisição do sujeito nulo no PB como L1? (SIMÕES, 1997, 2000; MAGALHÃES, 2006), (b) há diferenças no processo de aquisição que são determinadas pela L1 dos sujeitos? Com relação ao parâmetro *pro-drop*, que traços da L1 dos sujeitos estão presentes na interlíngua⁵ (IL) dos aprendizes? (c) os dados dessa pesquisa endossam quais teorias sobre aquisição de L2? Se há acesso à GU, qual é a forma desse acesso usada pelos sujeitos?

Tomando como ponto de partida os resultados obtidos no estudo de Xavier (1999), a nossa hipótese é a de que o desenvolvimento lingüístico dos sujeitos da nossa pesquisa deverá ser semelhante àquele apresentado por crianças que estão adquirindo o sujeito nulo do PB como L1, apresentando duas fases distintas de desenvolvimento:

Fase I: Emergência de sujeitos nulos para as três pessoas do discurso e concordância unipessoal (Cf. KATO, 1999a).

Fase II: Emergência de sujeitos preenchidos em alternância com sujeitos nulos e de concordância para mais de uma pessoa gramatical.

Em Xavier (1999), quando comparamos a aquisição do sujeito nulo do PB por crianças brasileiras e por um falante chinês e encontramos a

mesma ordem desenvolvimental para a aquisição desse fenômeno sintático, não foi possível decidir se o falante chinês estava utilizando a GU como opção *default* ou sua L1, já que levantamos a hipótese de que o *pro-drop* chinês é o valor *default* da GU. Vimos, também, que a L2 desse sujeito, o Inglês, não poderia ser considerada o estado inicial (S_0) para a L3, o PB, dada a presença de sujeitos nulos nos dados.

Com base na hipótese de que o *pro-drop* chinês é o valor *default* da GU para a aquisição de L2, em oposição à hipótese, defendida por muitos autores, de que a L1 constitui o estado inicial da aquisição de L2, utilizaremos os resultados empíricos do nosso estudo para confirmar ou não as hipóteses a seguir: (a) se o falante de Italiano, em fase inicial do processo de aquisição de L2, apresentar sujeitos pronominais nulos em orações com tempo finito, e sujeitos pronominais expressos apenas para os casos de ênfase ou contraste e se nos dados do falante de Inglês, também em fase inicial, houver predominância de sujeitos pronominais expressos, a hipótese é a de que esses aprendizes estão transferindo para o PB o valor do parâmetro do sujeito nulo de sua L1: $S_0 = L1$; (b) se for verificada alternância entre sujeito pronominal nulo e preenchido, com concordância uni-pessoal, nas produções do falante de Inglês e do falante de Italiano, e supondo que [+*pro-drop*] seja o valor não-marcado do parâmetro, a hipótese é que esses aprendizes estarão utilizando a GU, através da hipótese do sujeito nulo como opção *default*: $S_0 = \text{valor default do parâmetro} = \text{sujeito nulo e morfologia verbal uni-pessoal}$ ⁶.

Considerando a hipótese de muitos autores de que os parâmetros da GU continuam disponíveis para a aquisição de uma segunda língua, em oposição à hipótese da não-aquisição de novos valores paramétricos, duas hipóteses são apresentadas para os falantes do PB como L2 nas fases intermediária e avançada de desenvolvimento: (a) se os falantes de Inglês e Italiano, em fase não-inicial de aquisição, exibirem sujeito nulo em alternância com sujeito pronominal pleno, e se usarem morfologia verbal distinta para a primeira e 3ª. pessoas do discurso em suas produções, a hipótese é que os parâmetros da GU continuam acessíveis aos aprendizes

de L2; (b) se, por outro lado, forem verificados apenas sujeitos pronominais preenchidos nas produções dos falantes de Inglês e sujeitos predominantemente nulos nas produções dos falantes de Italiano, e se houver predominância de morfologia verbal uni-pessoal nas produções de ambos os grupos de aprendizes, a hipótese é que a aquisição de novos valores paramétricos é impossível para o aprendiz de L2.

Os dados que compõem os *corpora* da presente pesquisa são provenientes da fala de três adultos cuja língua materna é o Inglês e de três adultos falantes nativos de Italiano, aprendendo português brasileiro como segunda língua em situação de imersão.

Trata-se de uma pesquisa naturalística, observacional, em que os dados foram organizados de forma a refletir uma simulação do processo de aquisição de L2 em três fases: inicial, intermediária e avançada. Os dados foram coletados a partir da produção espontânea dos sujeitos em sessões semanais de gravação realizadas pela própria pesquisadora.

QUADRO 1
Idade, *background* lingüístico, fase de desenvolvimento e
língua materna dos sujeitos estudados.

| Sujeitos | Idade | <i>Background</i> lingüístico | Fase de desenvolvimento | Língua Materna |
|----------|-------|------------------------------------|-------------------------|----------------|
| Emily | 19 | Francês e Alemão | Inicial | Inglês |
| Roberto | 55 | Espanhol (+ ou -) | Inicial | Italiano |
| Mônica | 22 | Espanhol | Intermediário | Inglês |
| Sergio | 49 | Inglês e Francês | Intermediário | Italiano |
| Mark | 20 | Espanhol | Avançada | Inglês |
| Aldo | 27 | Inglês, Francês, Espanhol (+ ou -) | Avançada | Italiano |

1 O objeto da aquisição: o sujeito nulo brasileiro

Neste estudo, assumiremos, seguindo Kato (1999), que o sujeito nulo das línguas que possuem Agr [+pronominal] é o morfema de concordância

verbal encontrado nas línguas de sujeito nulo prototípicas do tipo Italiano; que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, apresentando sujeitos nulos apenas para a 3ª. pessoa que ainda é pronominal; que os pronomes expressos do PB, assim como os do Inglês e Francês, línguas que não possuem concordância pronominal, estão no *Spec IP*, são pronomes fracos e podem ser duplicados por um pronome forte; que o pronome forte ocupa uma posição externa a TP e possui caso *default*. Portanto, o sujeito nulo que ainda aparece no PB pode ter a sua referência a partir de um SN em posição A ou A' como no chinês, ou a partir de um PRO em posição A' caso o sujeito seja controlado ou tenha uma leitura arbitrária. Com relação à flexão marcada de 1ª. pessoa, como deixou de ser pronominal, a previsão é a co-ocorrência com o pronome fraco.

Considerando que as línguas *pro-drop* não constituem um único tipo, requerendo, portanto, possíveis sub-parametrizações (KATO, 2002; SIGURÐSSON, 1993), estaremos lidando com três diferentes tipos de *pro-drop*: a) o *pro-drop* prototípico do Italiano; b) o *pro-drop* unipessoal do chinês e c) o *pro-drop* misto do PB. Enquanto em línguas *pro-drop* do tipo Italiano o sujeito nulo é identificado pela concordância, no chinês o sujeito nulo uni-pessoal é o *default* (Kato, 2000) e, no PB, uma língua semi-*pro-drop*, os sujeitos nulos compreendem os nulos não-argumentais ou expletivos e o nulo referencial de 3ª pessoa. O Inglês, por outro lado, classificado como *topic-drop*, permite apenas sujeitos nulos de 1ª e 2ª pessoas em orações matrizes.

Considerando, ainda, que as mudanças ocorridas no sistema pronominal do PB levaram a um maior preenchimento dos sujeitos referenciais dessa língua, o que acabou por caracterizá-la como uma língua semi-*pro-drop*, o *pro-drop* que os falantes de Inglês e Italiano, em fase final de aquisição do PB, terão que atingir possui as seguintes características:

- a) preenchimento dos sujeitos referenciais;
- b) maior preenchimento para a 2ª pessoa, seguida da 1ª;

- c) preenchimento do sujeito em estruturas que apresentam sujeitos correferentes (encaixadas e independentes);
- d) tendência ao preenchimento dos sujeitos de referência arbitrária em sentenças impessoais ou existenciais;
- e) tendência ao preenchimento do sujeito para referentes [-animado];
- f) construções com sujeitos duplos;
- g) não-preenchimento dos sujeitos expletivos;
- h) possibilidade de não-preenchimento do sujeito para a 1ª e 2ª pessoas em posição inicial da sentença matriz (*topic-drop*).

2 A teoria do bilingüismo universal

Roeper (1999) propõe a teoria do Bilingüismo Universal, segundo a qual somos todos potencialmente bilíngües, ou seja, podemos ter duas gramáticas: uma com os parâmetros selecionados no valor (+) = G1 e outra no valor (-) = G2. Se o falante usa a G1 e a G2 como gramáticas nucleares distintas, é considerado como bilíngüe *stricto sensu*.

Outro tipo de bilíngüe previsto pela teoria diz respeito ao bilíngüe latente. Segundo o autor, a Gramática Universal define um conjunto de representações *default* que todos os falantes possuem e que ele denomina de *Minimal Default Grammar* (MDG). As estruturas da MDG refletem princípios de economia, no sentido de que elas projetam menos do que as gramáticas particulares.

Usando dados de aquisição de Inglês como língua materna, o autor mostra que a alternância de formas como, por exemplo, “I want” e “me want” pode ser explicada com base na sua teoria do bilingüismo: a criança tem duas gramáticas, uma com concordância e outra sem concordância. Neste caso, a G2 representaria a gramática *default ou* MDG.

G1: TP = +/- Tense, +/- Agr

G2: TP = +/- Tense

A idéia do *default* não é nova entre muitos dos psicolingüistas que trabalham com aquisição de L1 e assumem a re-fixação paramétrica. Eles sugerem que o parâmetro é re-fixado se a língua meta não se conforma com o valor inicial. Para Roeper, no entanto, a MDG deve continuar latente mesmo tendo sido descartada, o que significa que essa gramática poderá ser selecionada quando da aquisição de uma nova gramática. Para o autor, portanto, a criança, em fase inicial de aquisição, começaria com a gramática *default*, que ele chama de MDG, até que encontrasse, no *input*, evidência contrária à da marcação *default* da gramática anterior. Nesse caso, a criança passaria a usar, em um segundo estágio de aquisição, as duas gramáticas G1 e G2. O terceiro estágio seria caracterizado pelo abandono total da G2 em favor da G1. A G2, no entanto, embora descartada, deveria permanecer latente no conhecimento do aprendiz, podendo ser acessada quando da aquisição de uma nova língua.

O interesse da proposta de Roeper, segundo Kato (2005), é que ela, além de poder ser interpretada como uma hipótese de acesso total, pode ser interpretada também como uma hipótese de acesso indireto à GU através da periferia marcada⁷. Essa é também a proposta que assumiremos nesse estudo.

Com base nessa proposta sugerimos que o acesso à GU deverá ocorrer de duas formas: a) acesso indireto através da L1, b) acesso direto através da gramática *default*⁸.

O acesso indireto à GU deverá ocorrer toda vez que o valor do parâmetro for o mesmo para L1 e L2. Nesse caso, a L1 constituirá o estado inicial para a L2. $S_0 = L1$.

O acesso direto à GU ocorrerá nos casos em que o valor paramétrico da L1 divergir daquele da L2. Nesse caso, o valor *default* do parâmetro em questão constituirá o estado inicial. $S_0 = \text{valor default do parâmetro}$ ⁹.

3 Descrição e análise dos dados

3.1 Análise quantitativa

Do universo total de enunciados com verbo finito, excluímos as respostas a perguntas *sim/não*¹⁰, os sujeitos manifestos não pronominais¹¹ e os sujeitos de expressões formulares¹². Os sujeitos nulos e plenos encontrados nos dados compreendem os sujeitos de referência definida e os de referência arbitrária.

No total, os dados dos seis informantes apresentam os seguintes resultados: os falantes nativos de Italiano apresentaram 528 (54,2%) instâncias de sujeitos plenos contra 446 (45,8%) de sujeitos nulos. E os falantes nativos de Inglês apresentaram 248 (57,7%) instâncias de sujeitos plenos contra 182 (42,3%) de sujeitos nulos. Esses números mostram que dentro de cada grupo ocorre o mesmo: há mais plenos do que nulos. A proporção de plenos em cada grupo é que mostra uma ligeira diferença.

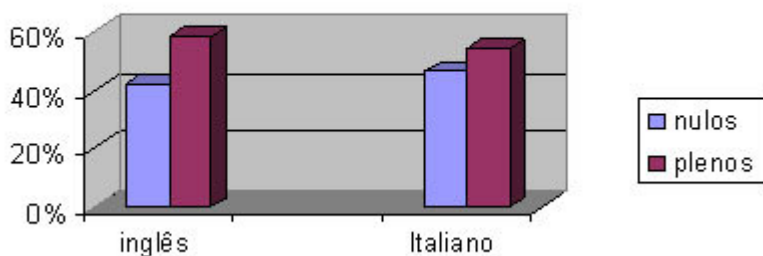


GRÁFICO 1

Uso de sujeitos plenos e nulos pelos falantes de Inglês e Italiano.

Em termos percentuais, os dados dos falantes de Italiano não indiciam um uso de nulos muito diferente daquele dos falantes de Inglês (45,8% e 42,3%, respectivamente) como mostra o Gráfico 1, acima. Esse é um fato curioso, uma vez que, sendo o Italiano uma língua de sujeito nulo, e o Inglês, de sujeito preenchido, esperaríamos encontrar um percentual muito mais alto de nulos nos dados dos falantes de Italiano, se a tese da

transferência ou da $S_0 = L1$ fossem verdadeiras. Da mesma forma, esperaríamos encontrar apenas sujeitos preenchidos nos dados dos falantes de Inglês.

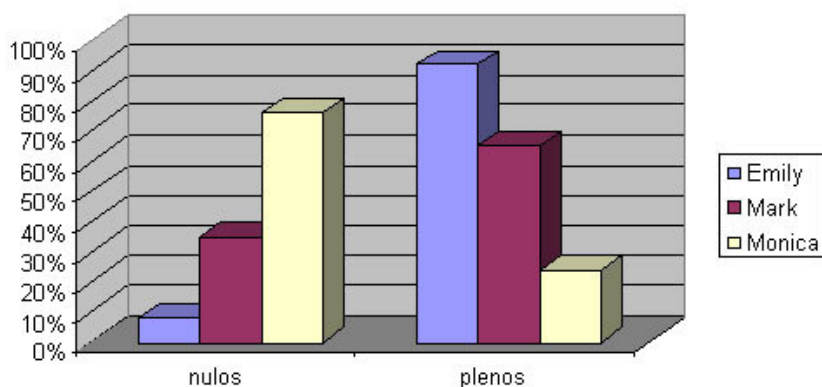


GRÁFICO 2

Uso de sujeitos nulos e plenos pelos falantes de Inglês.

Emily, em fase inicial de aquisição, é quem apresenta o mais alto índice de pronomes plenos (92%), possivelmente por influência da sua L1. Já Mark, em fase avançada de aquisição, apresenta o percentual de 65% de sujeitos plenos, o que é compatível com o índice de 71% de pronomes plenos encontrados para o PB (DUARTE, 1995).

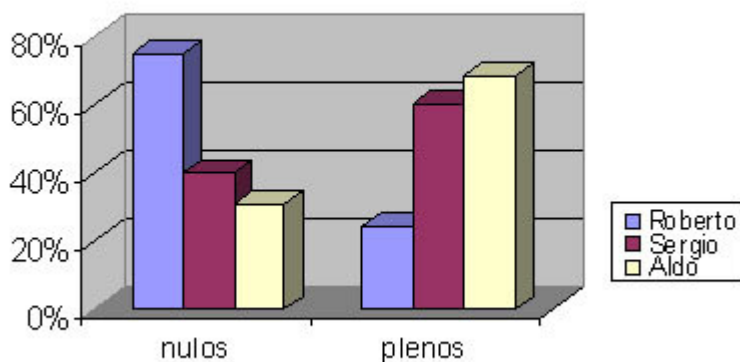


GRÁFICO 3

Uso de sujeitos nulos e plenos pelos falantes de Italiano.

Como se pode ver no Gráfico 3, é Roberto que apresenta o maior índice de nulos. A diferença de comportamento dos sujeitos no uso do nulo, portanto, deve estar relacionada às fases de aquisição em que os sujeitos se encontram. Assim, Aldo, que está numa fase avançada de aquisição do PB, é quem apresenta o menor índice de nulos (31%).

Considerando, por fim, a distribuição dos sujeitos pronominais de acordo com as fases em que os sujeitos da pesquisa se encontram, temos o seguinte:

QUADRO 2
Distribuição dos sujeitos pronominais por fase.

| Fases | Sujeitos | Sujeitos Nulos | Sujeitos Plenos |
|---------------|----------|----------------|-----------------|
| Inicial | Emily | 06 (8%) | 69 (92%) |
| | Roberto | 203 (75%) | 68 (25%) |
| Intermediária | Monica | 95 (76%) | 30 (24%) |
| | Sergio | 112 (40%) | 169 (60%) |
| Avançada | Mark | 81 (35%) | 149 (65%) |
| | Aldo | 131 (31%) | 291 (69%) |

Para os falantes de Italiano, nota-se que há uma progressão no que se refere ao uso dos sujeitos pronominais plenos: 25 > 60 > 69. 25% na fase inicial, 60% na fase intermediária e 69% na fase avançada: esse é um resultado esperado, considerando que os aprendizes estão partindo de uma língua [+*pro-drop*] como o Italiano, para uma língua semi-*pro-drop* como o PB.

Os falantes de Inglês atingem uma porcentagem similar, começando com um índice mais alto de sujeitos plenos (92%) na fase inicial, que atribuímos à influência de L1, tendo uma quebra na progressão com Monica (apenas 24% de plenos), possivelmente pelo seu antecedente bilíngüe e, na fase avançada, chegando a 65% de preenchimento do sujeito.

Por outro lado, os índices de 35% e de 31% de nulos da fase avançada se assemelham ao índice de nulos do PB (29%) atestado em Duarte (1995).

O Gráfico 4, a seguir, mostra o comportamento de cada sujeito com relação ao preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal do PB

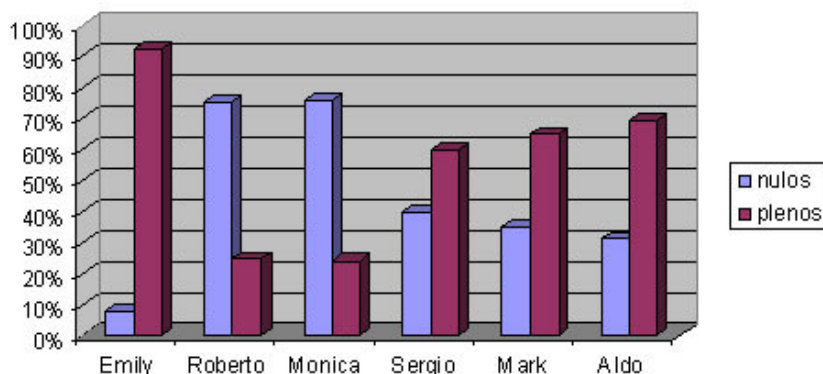


GRÁFICO 4
Uso de sujeitos nulos e plenos por sujeito.

Assim, os dois sujeitos em fase inicial de aquisição (Emily, falante nativa do Inglês e Roberto, falante nativo do Italiano) mostram comportamentos opostos quanto ao uso do sujeito pronominal do PB. Enquanto nos dados de Emily o uso do sujeito pronominal pleno é quase categórico (92,%), nos dados de Roberto, ao contrário, é o sujeito nulo que predomina, atingindo a marca percentual de 75%.

Os números parecem indicar que houve transferência do sujeito pronominal pleno da L1 de Emily para o PB. Com relação a Roberto, o alto percentual de nulos registrados nas amostras pode indicar transferência do sujeito nulo da sua L1 para o PB, já que o Italiano é uma língua de sujeito nulo.

Os sujeitos que se encontram na fase intermediária comportam-se também de maneira distinta quanto ao preenchimento da posição de sujeito no PB. Assim, embora um percentual expressivo de sujeitos pronominais plenos tenha sido encontrado nos dados de Sergio, o falante de Italiano, nos dados de Monica, a falante de Inglês, prevalece o sujeito nulo.

Os dados dos sujeitos que representam a fase avançada, por outro lado, mostram predominância do uso do sujeito pronominal pleno tanto para Aldo, o falante de Italiano, quanto para Mark, o falante de Inglês, o que deve indicar que os valores paramétricos, independentemente de terem sido instanciados na L1, continuam acessíveis ao aprendiz de L2.

3.2 Análise qualitativa

Os sujeitos da nossa pesquisa, nativos do Italiano e do Inglês, apresentam comportamentos diferentes com relação aos seguintes fenômenos relacionados com o parâmetro do sujeito nulo:

- a) Concordância [+pronominal] / [-pronominal];
- b) A força do traço N em T;
- c) Preenchimento *versus* não-preenchimento do sujeito pronominal;
- d) Possibilidade *versus* impossibilidade de subida de clíticos.

A análise qualitativa dos dados mostrou que, em fase inicial de aquisição, a falante de Inglês começa a adquirir o PB usando flexão verbal uni-pessoal, que aparece com sujeitos pronominais plenos e nulos, como mostram os exemplos em (1). Isso parece indicar que é a gramática *default* que está na base da aquisição do PB quando a L1 é o Inglês.

- (1) a. E: E você aprendeu Francês lá na Suíça.
 I: A Suisse e a escola quando **eu mora** a Tennessee. A escola **eu aprende** Francês para continue. Mas para 2 anos **cv** não **aprende** Francês.
- b. Quando eu um baby **eu fala** Alemão e Francês e Inglês, mas agora eu falo Francês¹³.

Além do sujeito nulo referencial, verificou-se também o uso de sujeitos nulos expletivos de construção impessoal, como exemplificado em (2), o que é incompatível com uma língua [-sujeito nulo] como o Inglês.

Portanto, se o Inglês estivesse na base de aquisição do PB, não se esperaria encontrar sujeitos nulos.

- (2) a. **cv** É difícil porque eu não tenho um carro.
- b. Aqui **cv** **tem** han... um outra tipo, um outro jeito de vida.

A partir da análise das respostas curtas encontradas nos dados da falante de Inglês, poderíamos sugerir que a presença, nos dados, de formas verbais uni-pessoais parece confirmar a hipótese de que é a gramática *default* da GU e não a L1, o Inglês, que está na base da aquisição do PB.

Os dados da falante de Inglês mostram evidências de que, na gramática do PB em fase inicial de aquisição, apenas as formas verbais não-marcadas de 3ª pessoa são usadas em respostas, como mostram os exemplos em (3):

- (3) a. E: Me fale do curso. Você tá gostando?
I: **Eu** **gosta**, mas...
- b. E: E você entende eles?
I: Sim, sim. Às veze eu **eu** **entende**.

Os falantes nativos de Italiano usam tanto o sujeito nulo do Italiano quanto o nulo *default*. O uso do nulo em contextos que no PB exigem a presença de um pronome expresso pode indicar que esses aprendizes estão usando o sujeito nulo do Italiano.

- (4) a. Por que **cv** *faz* esto trabalho?
- b. É, mas **ela**_i está está está descansando. Eu_j penso que **cv**_i está descansando porque agora **cv** tem a l'aula de dança afro-brasileira.
- (5) a. Eu gostaria que **cv** visse um quadro que gosto.
- b. Quantos filhos **cv** tem?
- (6) a. E... ontem, o que **cv** fiz ontem?
- b. Se **cv** tenho que escrever, não é problema. O problema é quando **cv** tenho que falar eh... rapidinho.

Por outro lado, o nulo *default* com morfologia verbal uni-pessoal que aparece nas produções desses falantes em fases inicial e intermediária de aquisição, como se pode ver nos exemplos em (7), parece indicar que é a gramática *default* que está na base da aquisição do PB.

- (7) a. Eu non conosco bem o Brasil, porque **cv no conhece** bem o Brasil. **Eu conhece** eh... Rio, Salvador e Aracaju.
 b. Eu gosto de ensinar na universidade ma, infelizmente, na Itália **cv não ensina** na universidade.

Da mesma forma, com as respostas curtas presentes nos dados dos falantes de Italiano tentamos mostrar que as instâncias de formas verbais uni-pessoais encontradas nos dados aqui analisados parecem sugerir que a gramática *default* está na base de aquisição do PB. O uso de sujeitos nulos ou plenos e flexão verbal uni-pessoal em respostas curtas pode ser visto em (8).

- (8) a. E: Você conhece o sul do Brasil?
 I: **cv Non conhece**.
 b. E: Você gosta de barulho?
 I: Não, **eu não gosta** barulho.

O que se pode concluir, a partir dos tipos de nulo mostrados nos dados dos falantes de Italiano, em fase inicial de aquisição, é que esses aprendizes podem estar usando a gramática *default* da GU, ao mesmo tempo em que usam o sujeito nulo do Italiano.

Os dados dos falantes de Italiano e Inglês em fase intermediária de aquisição mostram evidências do uso de morfologia verbal bipessoal, e alternância entre sujeitos plenos e nulos, o que deve indicar que esses aprendizes já estão começando a usar a gramática do PB, como se pode ver nos exemplos em (9).

- (9) a. **Eu moro** na Los Angeles para escola.
 b. Mas **ele mora** em Pelourinho.
 c. Não, porque **ela** me disse que **cv** tem uma operação cirúrgica.
 d. Economicamente, **ele** é mais claro. **Ele** apoia intervento de FMI.

Quanto aos aprendizes em fase avançada de aquisição, podemos dizer que já dominam a flexão verbal do PB, uma vez que são capazes de usar corretamente as formas verbais de 1ª e 3ª pessoa em suas produções. Além disso, o preenchimento do sujeito com pronome expresso que atinge a marca percentual de 65% nos dados do falante de Inglês, e de 69% nos dados do falante de Italiano, vem corroborar a hipótese de que o acesso aos parâmetros da GU continua disponível para a aquisição de L2.

Ainda outro dado que vem corroborar essa hipótese é o uso de clíticos registrados nos dados dos falantes de Italiano. Os exemplos (10) e (11) mostram que esses falantes, em fases intermediária e avançada de aquisição, são capazes de mudar a posição dos clíticos do Italiano (10) para a posição do PB (11). Aldo e Sergio, portanto, produzem não só os clíticos do Italiano, mas também construções sem subida de clíticos, como em (11), e os pronominais do PB, como mostram os exemplos em (12).

- (10) a. Eu não sei se eu vou **aposentar-me** por pouquinho antes.
 b. Estou tentando de **ajudar-la**.

(11) Eu vou **me aposentar** para não ensinar no ensino médio.

- (12) a. Lá eu conheço **ela**, só que eu conheço a família.
 b. Eu conheci **ele**.

4 Generalizações

4.1 Similaridades entre aquisição de L1 e L2

Simões (1997), em um estudo que trata da aquisição do sujeito nulo do PB por uma criança brasileira em fase inicial de aquisição, observa que em línguas *pro-drop* prototípicas como o Italiano e o PE as crianças começam com percentuais muito altos de sujeitos nulos, ao contrário do que acontece nas línguas não-*pro-drop*, como o Francês e o Inglês, em que o percentual de sujeitos nulos produzidos por crianças em fase inicial de aquisição é mais baixo, o mesmo tendo sido observado para o PB.

Comportamento semelhante foi verificado para os sujeitos da nossa pesquisa, adquirindo o PB como L2. Os falantes de Italiano começam com um percentual bastante alto de sujeitos nulo (75%), comparado aos falantes de Inglês que em fase inicial de aquisição apresentam apenas 8% de nulos.

Outro dado que mostra a semelhança entre a aquisição do PB como L2 e a aquisição do PB como L1 é o percentual de nulos encontrados nas gramáticas atingidas. Magalhães (2006) mostra que crianças brasileiras começam com percentuais altos de sujeitos nulos (acima de 70% ou 80%), que vão caindo até chegarem a índices menores que 40%, mais próximos daqueles encontrados na gramática do adulto.

Também, os sujeitos aqui estudados, conseguem chegar a índices próximos daqueles encontrados para o sujeito nulo do PB. Retomando os resultados do Quadro 2 na seção 3.1, podemos dizer que o índice de 35% (falantes de Inglês) e de 31% (falantes de Italiano) de sujeitos nulos encontrados na fase final de aquisição dos aprendizes (informantes deste estudo) se assemelha aos índices de menos de 40% atestados em Magalhães (2006).

Analisando as formas verbais presentes nos dados das crianças brasileiras, Magalhães (op. cit.) verificou que o uso da forma de 3ª. pessoa verbal com referência de 1ª. pessoa do discurso foi predominante no primeiro estágio de aquisição. A autora mostra que entre a idade de 2;4 e

2;9 a forma verbal de 3ª. pessoa usada com referência de 1ª. pessoa é encontrada nos dados dessas crianças com vários verbos.

Esse é mais um aspecto que devemos considerar quando comparamos o sujeito nulo do PB na aquisição de L1 e L2, pois a concordância uni-pessoal, representada pela 3ª. pessoa, é também a que predomina na fase inicial de aquisição do PB, pelo menos no que se refere ao falante de Inglês. Devemos acrescentar que, embora o falante de Italiano use concordância uni-pessoal, são poucas as ocorrências verificadas em seus dados, possivelmente pela proximidade da gramática do Italiano com a gramática do PB, o que não significa, no entanto, que ele não tenha começado com concordância uni-pessoal.

Dessa forma, os dados parecem sugerir que, nas fases iniciais da aquisição do PB como L2, o desenvolvimento dos sujeitos pode ser comparado ao de crianças quando da aquisição do sujeito nulo do PB como L1.

4.2 A influência da L1 no processo de aquisição de L2

Em Xavier (1999), analisamos os estágios iniciais de um adulto falante bilíngüe chinês/Inglês aprendendo o Português Brasileiro como segunda língua. O fenômeno sintático estudado foi o parâmetro do sujeito nulo. Verificamos que o Inglês não constituiu o estado inicial do aprendiz, uma vez que essa língua não permite sujeitos nulos. Não foi possível decidir, no entanto, se o aprendiz utilizou a GU como opção *default* ou a sua L1, o chinês, uma vez que assumimos que o *pro-drop* chinês era o próprio *default*.

Vejamos como se deu a aquisição do sujeito nulo do PB por Johnny.

Em chinês, tanto o sujeito quanto o objeto podem estar ausentes em sentenças com tempo. Contando apenas com uma forma verbal, a de 3ª. pessoa não-marcada, o chinês identifica o sujeito nulo através da correferência deste com um elemento nominal na posição A ou A' que o comanda. Assim, o sujeito nulo de uma oração encaixada pode encontrar o seu antecedente no sujeito da frase matriz ou, ainda, fora da sentença.

Quanto ao PB, vimos que a 3ª. pessoa é a única que ainda apresenta *Agr* pronominal e, portanto, a referência do sujeito nulo pode ser dada por um SN em posição A ou A' como no chinês, ou ainda por um PRO em posição A' (KATO, 1999a).

Encontramos, a partir dos resultados da análise da fala de Johnny, duas fases de desenvolvimento: na primeira fase, a característica principal foi a presença da forma verbal não-marcada de 3ª. pessoa. Ele usou o nulo *default* para as três pessoas do discurso, exceto com verbos de alta recorrência formular; na segunda fase, Johnny passou a apresentar um sistema flexional de concordância, em que, estando o sujeito pronominal na 1ª. pessoa, o verbo também é flexionado na 1ª. pessoa.

(13) Mas eu só foi em Barra, **cv fica** em Barra e aí...

(14) Eu não **conheço** Salvador muito.

A hipótese de que o *pro-drop* chinês é o valor *default* da GU, e de que, nesse caso, a GU e a L1 se confundiriam, confirmou-se. Como mostrado em (13), Johnny apresentou, inicialmente, o sujeito nulo com a forma indistinta de 3ª. pessoa não-marcada para a 1ª. pessoa do discurso. Assim, não foi possível dizer se o seu S_0 foi o valor *default* da GU ou o valor *default* da sua L1¹⁴.

No que se refere aos falantes nativos de Inglês, sugerimos na Introdução que, se fosse observada, inicialmente, a presença obrigatória de sujeitos pronominais preenchidos em orações com tempo finito em suas produções, poderíamos considerar que tais falantes estariam transferindo para o PB (tipo particular de língua de sujeito nulo) o valor do parâmetro de sua L1 [-sujeito nulo]. Não é isso que parece ocorrer.

Quanto aos falantes de Italiano, sugerimos que, se eles apresentassem inicialmente sujeitos pronominais nulos em orações com tempo finito e sujeitos pronominais expressos apenas para os casos de ênfase ou contraste, poderíamos afirmar que o estágio inicial da aquisição do PB para esses aprendizes seria o estágio final da aquisição do Italiano, ou seja, a gramática da sua L1. Se, no entanto, fosse verificada alternância entre sujeito

pronominal nulo e preenchido, sem ênfase, nas produções dos falantes de Italiano, a nossa hipótese seria a de que esses aprendizes estariam utilizando a GU, através da hipótese do sujeito nulo como opção *default*.

Retomando os resultados da análise dos dados em 3.2, fica claro que os falantes nativos de Italiano usam tanto o sujeito nulo do Italiano quanto o nulo *default*. Por outro lado, o nulo *default* com morfologia verbal uni-pessoal que aparece nas produções desses falantes em fase inicial e intermediária de aquisição mostram que é a gramática *default* que está na base da aquisição do PB.

4.3 Acesso aos parâmetros da GU

No estudo de Xavier (1999) sobre a aquisição do PB como L2, mencionado na seção anterior, sugerimos que Johnny, após algum tempo de exposição ao PB, iria reestruturar a gramática de sua L2, passando a apresentar, de sua língua meta, a flexão verbal para mais de uma pessoa gramatical. Dessa forma, ele passaria de um paradigma de formas de tratamento (uni-pessoais), para um de pronomes pessoais. Os resultados desse estudo confirmaram essa hipótese: Johnny apresentou, em suas produções, concordância uni-pessoal para 75% (15/20) dos verbos numa primeira fase de aquisição. Já numa segunda fase, esse percentual caiu para 21%, o que levou a um percentual de 79% (87/110) de flexão correta para as três pessoas do discurso.

O que os resultados mostram é que falantes de Italiano e falantes de Inglês são capazes de apresentar, em fase final de aquisição do PB, a maioria das propriedades que compõem o parâmetro do sujeito nulo dessa língua. Os aprendizes apresentam: maior preenchimento dos sujeitos referenciais (69% falantes de Italiano, e 65% falantes de Inglês); pronomes lexicais em estruturas com sujeitos correferentes, tanto em encaixadas como em independentes; algumas construções com sujeitos duplos; alguns casos de preenchimento do sujeito para referente [-animado]; e o não-preenchimento dos sujeitos expletivos.

Considerando, portanto, que tanto os falantes de Inglês, quanto os falantes de Italiano, em fase inicial de aquisição, começam com gramática *default* da GU, mas que em fase final de aquisição são capazes de mostrar em suas produções as propriedades do *pro-drop* do PB, podemos dizer que tanto para os falantes de Italiano, quanto para os falantes de Inglês, o processo de aquisição foi o mesmo. Não podemos negar, no entanto, a presença, nos dados, de alguns aspectos da L1 dos falantes de Italiano como, por exemplo, a ocorrência de alguns clíticos e a ocorrência de um número reduzido de pronominais nulos em contextos não-permitidos no PB. Mas, como já sugerimos anteriormente, esse tipo de influência mostra apenas que os falantes de Italiano usam, inicialmente, o nulo do Italiano e o nulo *default* e, posteriormente, o nulo do Italiano e o nulo do PB.

Em Xavier (1999), quando analisamos a aquisição do sujeito nulo do PB por um falante bilíngüe com o chinês como L1 e o Inglês como L2, mostramos que não era o Inglês que estava na base da aquisição do PB, já que foram verificados sujeitos nulos nos dados. Como indicamos acima, não foi possível, entretanto, dizer se o seu estado inicial para a aquisição do PB foi o valor *default* da GU ou o valor *default* da sua L1, uma vez que postulamos que o *pro-drop* chinês era o próprio *default*.

A partir dos resultados encontrados nos dados dos falantes de Italiano, e nos dados dos falantes de Inglês adquirindo o PB como L2, mostramos que esses aprendizes começam com a gramática *default* da GU, usando sujeitos nulos ou preenchidos, mais a forma de 3ª. pessoa verbal não-marcada para todas as pessoas do discurso. Assim, considerando que o Inglês é um língua [-sujeito nulo] e que, no Italiano, o sujeito nulo é identificado pela concordância, podemos sugerir que o nulo com concordância uni-pessoal, encontrado nos dados desses aprendizes não é o da L1, o Italiano, mas o nulo *default* da GU. Sendo assim, é possível que se possa pensar que o nulo uni-pessoal encontrado nos dados de Johnny, o falante de chinês, é o nulo *default* da GU e não da sua L1.

5 Resumo dos resultados

5.1 Variação entre flexão uni-pessoal/flexão com concordância

QUADRO 3
Uso de flexão uni-pessoal *versus* flexão c/ concordância.

| Fases | Flexão uni-pessoal | | Flexão c/concordância | |
|---------------|--------------------|---------------|-----------------------|---------------|
| | Flt. Inglês | Flt. Italiano | Flt. Inglês | Flt. Italiano |
| Inicial | 34 (51%) | 08 (6%) | 33 (49%) | 126 (94%) |
| Intermediária | 17 (20%) | 03 (2%) | 68 (80%) | 154 (98%) |
| Avançada | _____ | _____ | 147 (100%) | 260 (100%) |

O Quadro 3 mostra que na gramática do PB em aquisição: a) os falantes de Inglês e Italiano usam formas uni-pessoais nas fases inicial e intermediária de aquisição, mas na fase final, as formas verbais que aparecem mostram concordância entre a pessoa do verbo e a pessoa do discurso, b) os falantes de Italiano mostram um percentual mais alto de flexão verbal com concordância tanto na fase inicial (94%), quanto na fase intermediária (98%), ao contrário dos falantes de Inglês para quem, na fase inicial as formas uni-pessoais representam (51%), embora esse percentual caia para (20%) na fase intermediária; c) na fase final de aquisição, tanto os falantes de Inglês, quanto os de Italiano mostram ter adquirido a concordância do PB, mas o sujeito nulo remanescente predomina nos dados dos falantes de Italiano.

Embora os resultados para os falantes de Italiano possam parecer “desprezíveis”, como sugeriu um parecerista anônimo, os 8 casos de flexão uni-pessoal (8/134) vistos na fase inicial e os 3 casos (3/157) presentes na fase intermediária são todos de verbos regulares que, ao contrário dos irregulares, não demandam uma aprendizagem lexical. As instâncias de flexão uni-pessoal encontradas nos dados dos falantes de Italiano, independentemente do número de casos, devem constituir, portanto,

evidência a favor da hipótese da gramática *default* uni-pessoal. Com relação aos falantes de Inglês, se o uso da forma uni-pessoal for considerada como transferência da L1 por se tratar de uma língua de “morfologia pobre”, deveríamos esperar que esses mesmos sujeitos usassem apenas sujeitos pronominais lexicais, incluindo o pronome neutro “it”, o que não aconteceu.

5.2 Comparação de nulos e plenos da gramática atingida em L2, com dados dos falantes do PB

Comparando os sujeitos plenos e nulos presentes na interlíngua dos falantes de Inglês e Italiano na fase final de aquisição com dados do PB, em Duarte (1995), temos o seguinte quadro:

QUADRO 4
Ocorrência de sujeitos nulos e plenos na gramática atingida em L2.

| Sujeitos | 1ª Pessoa | | 3ª pessoa | |
|---------------------------------|-----------|-------|-----------|-------|
| | nulo | pleno | nulo | pleno |
| Falante de Inglês | 41 (23%) | 136 | 04 (31%) | 09 |
| Falante de Italiano | 98 (35%) | 181 | 04 (12%) | 29 |
| Dados de Duarte (1995) p/ PB | 138 (29%) | 340 | 165 (39%) | 254 |

Para a 1ª pessoa, enquanto o PB mostra um percentual de (29%) de sujeitos nulos, a gramática da interlíngua do falante de Italiano exibe a taxa de 35% (98/279) e a do falante de Inglês, a taxa de 23% (41/177). Esses números mostram que ambas as gramáticas se aproximam da gramática do PB, com a diferença de 6 pontos percentuais a mais para o falante de Italiano e 6 pontos a menos, para o falante de Inglês. É possível que se possa atribuir essa diferença ao fato de ser o Inglês uma língua [-sujeito nulo] e o Italiano, uma língua [+sujeito nulo].

No que se refere à 3ª pessoa, podemos dizer que a gramática da interlíngua do falante de Inglês, pelo menos em termos quantitativos, é

a que mais se aproxima da gramática do PB. Isso fica claro através do índice de nulos encontrados nas duas gramáticas: 31% (4/13) para a primeira e (39%) (DUARTE, 1995) para a última. Enquanto que para a gramática do falante de Italiano, uma taxa de apenas 12% (4/33) de sujeitos nulos foi verificada.

A análise qualitativa, por outro lado, mostrou que o falante de Italiano, em fase final de aquisição, produziu sujeitos pronominais nulos e plenos que são conformes à gramática do PB. Verificou-se a presença do pronome pleno de 3ª pessoa em contexto de orações independentes e em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes. Além disso, o sujeito pronominal expresso foi usado para a retomada de um referente [-animado], o que é incompatível com uma língua de sujeito nulo que não permite pronome expresso para esse tipo de entidade, da mesma forma que proíbe o uso de pronomes em estruturas com referentes esperados (BARBOSA; DUARTE; KATO, 2005).

Os poucos casos de nulos de 3ª pessoa registrados nos dados aparecem em contextos que mostram correferência entre o sujeito nulo e o sujeito da oração matriz ou em contextos de orações independentes em que o sujeito nulo mantém uma relação de correferência com o sujeito da oração adjacente. Logo, todos os casos são compatíveis com o PB.

5.3 Nulos de 3ª pessoa na fase final

Na fase final de aquisição do PB, o falante de Inglês apresentou 31% (4/13) de nulos para a 3ª. pessoa e o falante de Italiano apresentou 12% (4/33). Embora no PB a taxa de nulos de 3ª. pessoa atestada em Barbosa; Duarte; Kato, (2005) seja mais alta (44%) do que a taxa encontrada na interlíngua desses aprendizes, os nulos ocorrem nos mesmos contextos permitidos no PB.

5.4 A fase S_0

- a) os falantes são todos bilíngües em S_0 ;
- b) o bilingüismo pode se dar:
 - b.1. entre +*pro-drop* (*default*) e -*pro-drop* quando L1 é Inglês;
 - b.2. entre +*pro-drop* (*default*) e +*pro-drop* (=Italiano) quando L1 é Italiano;
 - b.3. entre +*pro-drop* (=Italiano) e semi *pro-drop* (=PB).

Considerando, que a Língua-I é composta por G1=MDG (gramática nuclear) e G2 (gramática da periferia marcada) e que a G1 permanece latente no conhecimento do falante se a gramática da L1 não é a MDG, podemos traçar os seguintes paralelos com as gramáticas do S_0 dos sujeitos da nossa pesquisa.

Segundo Roeper (1999), podemos dizer que os sujeitos da presente pesquisa são todos bilíngües no estado inicial de aquisição do PB. As gramáticas que compõem a Língua-I desses sujeitos, no entanto, variam de acordo com a fase de aquisição em que estes se encontram.

Assim, os falantes de Inglês e de Italiano, em fase inicial de aquisição, mostram, em suas produções, o uso de duas gramáticas: A G1 *default* representando o valor *default* do parâmetro *pro-drop* (sujeitos nulos e preenchidos + formas verbais unipessoais); e a G2 [-*pro-drop*] para os falantes de Inglês, e [+*pro-drop*] para os falantes de Italiano.

5.5 As fases intermediária e avançada

Na fase intermediária de aquisição, tanto os falantes de Italiano, quanto os de Inglês retêm duas gramáticas diferentes G1 (*pro-drop default*) e G2 (ROEPER, 1999)¹⁵.

Na fase avançada de aquisição, tanto os falantes de Italiano quanto os falantes de Inglês descartam o *pro-drop default* da G1 em favor do valor

semi-*pro-drop* do PB. O falante de Italiano apresenta uma gramática [+*pro-drop*] do tipo Italiano e a gramática semi-*pro-drop* do PB. O falante de Inglês apresenta também duas gramáticas: uma com o parâmetro semi-*pro-drop* do PB e outra com o *pro-drop* do tipo Italiano, possivelmente pelo antecedente Espanhol do sujeito.

6 Conclusão

Considerando, portanto, que tanto os falantes de Inglês quanto os falantes de Italiano, em fase inicial de aquisição, parecem começar com a gramática *default* da GU, mas que em fase final de aquisição são capazes de mostrar em suas produções as propriedades do *pro-drop* do PB, podemos sugerir que tanto para os falantes de Italiano, quanto para os falantes de Inglês, o processo de aquisição foi o mesmo. Não podemos negar, no entanto, a presença, nos dados, de alguns aspectos da L1 dos falantes de Italiano como, por exemplo, a ocorrência de alguns clíticos e a ocorrência de um número reduzido de pronominais nulos em contextos não permitidos no PB.

A partir dos resultados encontrados nos dados dos falantes de Italiano, e nos dados dos falantes de Inglês adquirindo o PB como L2, mostramos que esses aprendizes começam com a gramática *default* da GU, usando sujeitos nulos ou preenchidos, mais a forma de 3ª. pessoa verbal não-marcada para todas as pessoas do discurso. Assim, considerando que o Inglês é um língua [-sujeito nulo] e que, no Italiano, o sujeito nulo é identificado pela concordância, podemos sugerir que o nulo com concordância uni-pessoal, encontrado nos dados desses aprendizes não é o da L1, o Italiano, mas o nulo *default* da GU.

A partir dos resultados obtidos com a análise dos dados dos sujeitos da presente pesquisa, podemos sugerir que houve **acesso direto à GU**, através do uso do valor *default* do parâmetro *pro-drop* = sujeitos nulos ou preenchidos + a forma verbal uni-pessoal de 3ª. pessoa, nas produções dos falantes de Inglês e Italiano. Parece ter ocorrido, também, **acesso**

indireto à GU, via L1 nas produções dos sujeitos falantes de Inglês e de Italiano em fase não-inicial de aquisição. Esses resultados confirmariam, portanto, as hipóteses levantadas com relação ao S_0 dos aprendizes. Confirmariam a hipótese do “bilingüismo universal” de Roeper (1999), não apenas para o estágio inicial, mas para os estágios intermediário e final.

Notas

- 1 Texto resultante da Tese de Doutorado, intitulada *Português Brasileiro como Segunda Língua: Um Estudo sobre o Sujeito Nulo*, apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 31 de agosto de 2006, sob orientação da Profa. Dra. Mary A. Kato.
- 2 Ver XAVIER, G. R. *Aquisição do Português Brasileiro por um falante Chinês*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, São Paulo, 1999.
- 3 A opção *default* é necessariamente anterior a qualquer experiência lingüística, e é programada já no mecanismo de aquisição para garantir um comportamento que não viole as regras da GU. No caso do parâmetro *pro-drop*, o sujeito nulo foi considerado a opção *default* (HYAMS, 1986).
- 4 De acordo com Kato (1999a), línguas como o Chinês e o Japonês, consideradas como línguas que não apresentam qualquer concordância verbal (Cf. HUANG, 1984), apresentam concordância verbal de uma só pessoa gramatical, que é a forma não-marcada de 3ª pessoa do singular. Considerando que em Japonês as formas utilizadas para se referir às três pessoas do discurso são formas de tratamento, essa língua pode ser referida como tendo pessoas distintas no discurso, mas apenas uma pessoa gramatical: a 3ª, que é própria dos nomes. Uma vez que não há distinção de pessoa e que há apenas uma forma não-marcada no paradigma, Kato propõe para o Japonês e o Chinês a existência de *Agr* zero, da mesma forma que acontece para a 3ª pessoa do singular nas línguas românicas. Propõe, finalmente, que: *All languages have Agr somewhere in the grammar. The so-called languages without Agr are the ones that have a one-person Agr which is the unmarked third person singular* (p. 36).
- 5 Neste trabalho, o termo “interlíngua” ou “gramáticas da interlíngua” refere-se às gramáticas não-nativas. O conceito de interlíngua foi proposto nos anos 60 e 70 por diversos pesquisadores, entre os quais, Adjémian (1976), Corder (1967), Nemser (1971) e Selinker (1972). Esses pesquisadores apontaram para o fato de

que a língua falada por aprendizes de uma L2 é sistemática e que os erros produzidos por esses aprendizes não consistem de qualquer tipo de erro aleatório, mas sugerem um comportamento guiado por regras. Essas observações levaram à proposta de que aprendizes de L2, da mesma forma que os falantes nativos, representam a língua que estão adquirindo através de um sistema linguístico complexo.

- 6 Considerando que a concordância só passa a fazer parte da estrutura da criança ou do aprendiz de uma L2, através do *input*, Kato (1999a) postula que entre uma opção que envolve morfologia forte ou rica e outra que não, o valor *default* seria a que não apresenta morfologia flexional ou que apresenta uma morfologia invariante, uni-pessoal.
- 7 Diferentemente do bilíngüe “stricto sensu”, Roeper (1999), apresenta um bilingüismo em nível desigual em que G1=gramática nuclear e G2=periferia marcada. A periferia marcada pode conter conjuntos lexicais marcados (por exemplo, itens que se comportam de forma diferente dos demais, no que se refere ao valor do parâmetro selecionado na gramática nuclear), ou mesmo uma mini-gramática selecionada por gênero, diferente da gramática nuclear.
- 8 Neste estudo, o que estamos considerando como valor *default* é o *pro-drop* com flexão verbal uni-pessoal. Para Kato (1999a,b) a criança começa com uma gramática uni-pessoal e, diante de evidência positiva (pronominais fracos: livres, clíticos ou afixos), passa por um sistema pluripessoal, que pode ser +*pro-drop* pluripessoal (Italiano) ou -*pro-drop* pluripessoal (Alemão, Inglês); Na ausência de dados positivos, a criança aprendendo Japonês ou Chinês manterá o valor +*pro-drop* uni-pessoal.
- 9 Para Roeper (1999), a criança, em fase de aquisição, começaria com a gramática *default*, que ele chama MDG, até encontrar, no *input*, evidência contrária à da marcação *default* da gramática anterior. Nesse caso, a criança passaria a usar, em um segundo estágio de aquisição, as duas gramáticas G1 e G2. O terceiro estágio seria caracterizado pelo abandono total da G1 em favor da G2. A G1, no entanto, embora descartada, deveria permanecer latente no conhecimento do aprendiz, podendo ser acessada quando da aquisição de uma nova língua. Segundo o autor, a GU está disponível não apenas para projetar novas L2, mas encontra-se dentro de uma dada língua, criando diferentes ilhas de variação gramatical, que permite ao falante o uso de nuances expressivas.
- 10 “Você gostou do Aeroclube”?
 “Si, si. **cv Gostou muito**”. (Monica)

- 11 “Minha família não fala Inglês. Nada em Inglês”. (Mark)
- 12 Consideramos como uso formular sentenças raízes com os verbos epistêmicos ((eu) (não) sei e (eu) (não) acho).” Eu não sei como de explicar em português”. (Emily)
- 13 E = (Entrevistadora); I = (Informante).
- 14 Fonseca (2005) analisa os dados de Johnny – informante que entrevistei para desenvolver o trabalho em Xavier (1999) – e os mesmos dados dos falantes de Inglês que entrevistei para este trabalho e mostra que na aquisição do parâmetro da negação do PB por esses falantes houve acesso direto à GU pela presença do *default* com negação em XP para o falante de Chinês; e acesso indireto à GU no caso dos falantes de Inglês.
- 15 De acordo com o autor, a criança não abandona estruturas adquiridas anteriormente, no mesmo momento em que parecem adotar uma nova gramática.

Referências

- BARBOSA, Pilar; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*. Lisboa, v. 4, n. 2, p. 11-52, 2005.
- BLEY-VROMAN, R. What is the logical problem of foreign language learning? In: GASS, S. M.; SCHACHTER, J. (Ed.). *Linguistic perspectives on second language Acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press, 1989. p. 41-68.
- CLAHSEN, H. Parameterized grammatical theory and language acquisition: a study of the acquisition of verb placement and inflection by children and adults. In: FLYNN, S.; O’NEIL W. (Ed.). *Linguistic theory in second language acquisition*. Dordrecht: Kluwer, 1988. p. 47-75.
- CLAHSEN, H.; MUYSKEN, P. The availability of universal grammar to adult and child learners: a study of the acquisition of German word order. *Second Language Research*, n. 2, p. 93-119, 1986.

CLAHSEN, H.; MUYSKEN, P. How adult second language learning differs from child first language development. *Behavioral and Brain Sciences*, Cambridge, v. 19, n. 4, p. 721-723, 1996.

CHOMSKY, N. Principles and parameters in syntactic theory. In: HORNSTEIN, N.; LIGHTFOOT, D. (Ed.). *Explanation in Linguistics: the logical problem of language acquisition*. London: Longman, 1981. p. 32-75.

CHOMSKY, N. *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge: MIT Press, 1982.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N. *Language and problems of knowledge: the Managua lectures*. Cambridge, MA: MIT Press, 1988.

CHOMSKY, N. Some notes on economy of derivation and representation. In: LAKA, I.; MAHAJAN, A. (Ed.), Functional heads and clause structure. *MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge, MA: n. 10, p. 43-47, 1989. Publicado também em: FREIDIN, R. (Ed.). *Principles and parameters in comparative grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991. p. 475-54.

CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Ed.). *The view from Building 20: essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 1-52.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge, MA: CUP, 2000.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no Português Brasileiro*. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

EPSTEIN, S.; FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G. Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. *Behavioral and Brain Sciences*, Cambridge, n. 19, p. 677-758, 1996.

EUBANK, L. (Ed.). Point counterpoint: universal grammar in the second language. [*Language Acquisition and Language Disorders 3*]. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1991.

FLYNN, S. *A parameter-setting model of L2 acquisition*. Dordrecht: Reidel, 1987.

FONSECA, H. D. C. *Aquisição da sintaxe da negação no Português Brasileiro como segunda língua (L2)*. 120 f. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

HUANG, C. T. James. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, n. 15, p. 531-74, 1984.

HYAMS, N. *Language acquisition and the theory of parameters*. Dordrecht: Foris, 1986.

KATO, M. Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *PROBUS*, Berlin . New York, n. 11, p. 1-37, 1999a.

KATO, M. Questões atuais da aquisição de L1 na perspectiva da teoria de princípios e parâmetros. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, São Paulo: n. 36, p. 11-16, 1999b.

KATO, M. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. (Ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 223-58.

KATO, M. A evolução da noção de parâmetros. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 18, n. 2, p. 309-37, 2002.

KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (Org.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM: Universidade do Minho, 2005. p. 131-45,

MAGALHÃES, T. M. V. *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

ROEPER T. On universal bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge, v. 2, n. 3, p. 169-86, 1999.

SELINKER, L. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, n. 10, p. 209-31, 1972.

SIGURDSSON, H. A. Argument-drop in Old Icelandic. *Língua*, Amsterdam, n. 89, p. 247-80, 1993.

SIMÕES, L. *Sujeito nulo na aquisição do Português Brasileiro: um estudo de caso*. Tese (Doutorado em Lingüística), PUCRS, Porto Alegre, 1997.

SIMÕES, L. Null subjects in Brazillian Portuguese: developmental data from a case study. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Org.). *Brazilian Portuguese and null subject parameter*. Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2000. p. 75-103.

XAVIER, Gildete R. *Aquisição do Português Brasileiro por um falante chinês*. 125 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

XAVIER, Gildete R. *Português Brasileiro como segunda língua: um estudo sobre o sujeito nulo*. 213 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Capinas, 2006.

WHITE, L. The pro-drop parameter in adult second language acquisition. *Language Learning*, Michigan, n. 35, p. 47-61, 1985a.

WHITE, L. Is there a 'logical problem' of second language acquisition?
TESL Canada Journal/Revue TESL du Canada, Ontario, n. 2, p. 29-41,
1985b.

WHITE, L. Universal grammar and second language acquisition.
[*Language Acquisition and Language Disorders 1*]. Amsterdam and
Philadelphia: John Benjamins, 1989.